

## Notas Introdutórias Sobre o Amor na Sociedade Capitalista

Felipe Mateus de Almeida \*

Segundo Erich Fromm, existem vários tipos de amor na sociedade capitalista, sendo eles o amor materno, o amor erótico, o amor de Deus e o amor fraterno (FROMM, 1991). Nesse artigo, pretendemos apresentar uma breve reflexão sobre a impossibilidade do amor fraterno na sociedade capitalista, compreendendo esse tipo de amor como o sentimento de “responsabilidade, de cuidado, de respeito por qualquer outro ser humano, o seu conhecimento, o desejo de aprimorar-lhe a vida” (FROMM, 1991, p. 61).

Richard Sennet (2012), em seu livro *A Cultura do Novo Capitalismo*, afirma que no atual estágio de desenvolvimento da sociedade capitalista, nós praticamos a chamada paixão consumptiva. Essa paixão deve ser compreendida como aquela que acaba na própria intensidade, ou seja, tudo aquilo que é utilizado está sendo consumido. É uma paixão que cria desejos ardentes, porém superficiais. A nossa imaginação se torna objeto de manipulação através da criação de produtos que mesmo sendo iguais em seu uso, acabam ganhando status de diferenciação por conta de sua marca. Através dessa manipulação da imaginação e dos desejos por meio da marca e que nos induz ao consumo desenfreado, surge o desejo da potência. Mesmo não precisando de um *iPod* com capacidade para armazenar dez mil músicas, eu o adquiro pela questão da praticidade e do conforto que ele me dá por não ter que ficar salvando minhas músicas em CDs ou pendrives com capacidade de armazenamento reduzida. Diante disso, Sennet vai sustentar o argumento de que não conseguimos mais limitar aquilo que queremos ao que podemos fazer. A partir do momento que somos induzidos ao jogo de manipulação de nossa imaginação e de nossos desejos através da marca e da potência, nós perdemos a nossa capacidade de mensurar as nossas necessidades e prioridades.

Acreditamos que é possível tomar o pensamento de Sennet emprestado para afirmar que a partir da manipulação da imaginação e do desejo, bem como das nossas necessidades práticas de consumo, nossos sentimentos também se tornam consumptivos. Tudo aquilo que sentimos faz parte de uma determinada realidade social, ou seja, nossos sentimentos ou

---

\* Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás - UFG. Membro do Núcleo de Estudos Sobre o Trabalho da Universidade Federal de Goiás - NEST/UFG. Autor de diversos artigos em periódicos especializados em Ciências Sociais, Sociologia e Ciências Sociais Aplicadas.

valores não são desenvolvidos do nada, eles são expressões de uma realidade concreta. Um exemplo claro disso se encontra no amor.

Erich Fromm (1982) vai dizer que existem dois modos de existência: o modo *ter* e o modo *ser*. Segundo o autor, o modo *ser* tem como requisito,

(...) a independência, a liberdade e a presença de razão crítica. Sua característica fundamental é a de ser ativo, não no sentido de atividade externa, de estar atarefado, mas no sentido de atividade íntima, de emprego criativo dos poderes humanos. Ser ativo significa manifestar as faculdades e talentos no acervo de dotes humanos de que todo ser humano é dotado, embora em graus variáveis. Significa renovar-se, evoluir, dar de si, amar, ultrapassar a prisão do próprio eu isolado, estar interessado, desejar, dar. (...) o ser é indefinível em palavras e só comunicável pela comunhão da minha experiência (FROMM, 1982, p. 97).

No modo *ser* de existência os indivíduos são livres e independentes para desenvolverem suas potencialidades e sua razão crítica, ou seja, eles podem pensar e agir livremente sem a imposição de ordens e normas de conduta que venham de órgãos burocráticos e instituições superiores – estado, governo, polícia etc. - que regulem o seu desejo de mudança e a sua preocupação para com os seus semelhantes. Os homens são seres ativos, não no sentido de se manterem sempre ocupados, estressados, atarefados e com vontade de ganhar mais dinheiro para poderem consumir mais mercadorias e conquistarem prestígio e *status*; eles são ativos porque podem desenvolver e trabalhar seus poderes criativos, a sua capacidade de amar, a sua capacidade de lidar com o próximo, a capacidade de lidar consigo mesmos; é ser ativo no sentido de poder evoluir, de admitir seus medos e fraquezas e procurar uma maneira de superá-los. No modo *ser* o indivíduo aprende a atuar em prol do seu semelhante, ele se doa e se coloca a disposição da coletividade; ele consegue ultrapassar a barreira do seu próprio isolamento e passa a se mostrar interessado em aprender com o outro e com a sociedade; ele tem na mente e no coração o desejo de ser feliz, mas ser feliz de verdade ao invés de viver uma realidade artificial e ilusória como a que é proporcionada pela lógica do consumo e da mercadoria. E o mais importante de tudo é que no modo *ser* as palavras não conseguem realizar as coisas, mas são os atos que as realizam e as fazem acontecer.

Em detrimento do modo *ser*, Fromm vai dizer que existe o modo *ter* de existência:

A natureza do modo *ter* de existência decorre da natureza da propriedade privada. Nesse modo de existência, tudo o que importa é minha aquisição de propriedade e meu irrestrito direito de manter o adquirido. O modo *ter* exclui todos os demais; ele não exige qualquer esforço a mais de minha parte para manter minha propriedade ou para fazer uso produtivo dela. Buda definiu esse modo de conduta como a ânsia de posse, os judeus e os cristãos o definiram como cobiça; ele

transforma tudo e todos em algo inerte e sujeito ao poder de alguém (FROMM, 1982, p. 87).

E continua dizendo que:

O modo ter de existência, a atitude centrada no móvel da propriedade e do lucro, necessariamente produz o desejo, e mesmo a necessidade de força. (...) No modo ter, a felicidade consiste na superioridade sobre outros, no poder e, em última análise na capacidade de conquistar, roubar, matar (FROMM, 1982, p. 91).

Nesse sentido, o modo *ter* é o inverso do modo *ser*. Nesse modo de existência o que vale é a lógica da propriedade privada. Eu só tenho algo se ele estiver em minhas mãos, se eu puder tocá-lo, se eu puder comprá-lo, se eu puder mostrá-lo para os outros. Só posso usufruir de algo se ele tiver sido comprado. Tudo aquilo que tenho serve para causar inveja nos outros, para causar o desejo de aquisição. O que vale é a posse, o objeto, a coisa, a mercadoria. No modo *ter* não existe a atividade criativa, o homem vive ocupado, estressado, ansioso, entupido de atividades no trabalho para poder ganhar dinheiro e consumir tudo em mercadorias baratas. Não existe desenvolvimento das potencialidades e nem das capacidades criativas, pois os homens são apáticos, passivos e não tem vontade de aprender com o outro. No modo *ter* não existe o desejo de ver o desenvolvimento de toda a coletividade, porque o que é ensinado e legitimado é a prática do individualismo. Esse modo de existência não nos ensina a praticar o amor, a compaixão, o altruísmo e a paciência, ele nos ensina a ser invejosos, rancorosos, egocêntricos e impacientes. Quando praticamos a “filosofia” do *ter* nós não conseguimos ultrapassar a barreira da nossa solidão e do nosso isolamento e, por conta disso, não conseguimos preencher o nosso vazio existencial.

A análise de Fromm é boa, porém falta concreticidade em algumas questões. A maneira como é apresentada essa análise dá a entender que vivenciar o modo ter ou o modo ser é uma questão de escolha individual, o que não é verdade. Na sociedade capitalista, o ser humano não desenvolve suas potencialidades porque encontra-se subordinado a um processo de produção de valores e relações sociais em que não tem tempo para pensar em seu desenvolvimento por completo, mas apenas em alguns aspectos. O indivíduo é orientado por uma lógica da divisão social do trabalho, onde sua principal preocupação é tornar-se capacitado para exercer uma atividade na cadeia produtiva que seja capaz de suprir suas necessidades básicas de sobrevivência. A sociedade capitalista não forma indivíduos livres e autônomos como muitas vezes prega o discurso neoliberal. Ela forma indivíduos para o capital, prontos para atenderem os interesses e necessidades do mercado, o que acaba por obliterar o modo ser e legitimar o modo ter e existência.

Em seu livro a *Arte de Amar*, Fromm (1991) vai dizer que o amor é uma atividade produtiva que deve ser praticada e desenvolvida com o decorrer do tempo. Para que se possa praticar o amor é preciso que se tenha cuidado, responsabilidade, respeito e conhecimento. Cuidado significa estar preocupado com quem amamos, ou seja, é estar sempre atento aos medos e anseios da pessoa amada; responsabilidade no amor significa estar pronto para compreender as necessidades psíquicas do outro; o respeito no amor tem a tarefa de perceber as características individuais da pessoa que se gosta, o que quer dizer que não podemos ver o outro como uma posse ou um bem que nos obedece a qualquer custo, mas sim como um ser humano sensível que também possui suas necessidades particulares; o conhecimento na arte da amar significa ir a fundo ao coração da pessoa amada, é fazer um esforço constante para penetrar no âmago de quem se ama, respeitando seus limites e conquistando esse espaço aos poucos. Conhecer é tentar compreender o outro a partir de suas opiniões e de seus anseios. Nesse sentido, o amor é algo que demanda tempo, paciência e capacidade de reflexão.

Em uma sociedade capitalista, dividida em classes sociais e onde vigora a lógica do modo ter, o tempo tem se tornado cada vez mais escasso e cronometrado. A consequência disso é que não conseguimos aprimorar nossa capacidade de amar e nem nos sobra tempo para conhecermos a nós mesmos. O amor é uma prática cada vez mais escassa no capitalismo, pois o cansaço físico e psíquico advindos da necessidade de trabalhar, produzir e sobreviver, nos deixam desanimados e faz com que joguemos para segundo plano o aprimoramento e a construção de relações sociais afetivas duradouras e sinceras.

Além das questões suscitadas nos parágrafos anteriores, é preciso ressaltar o papel dos valores sociais capitalistas como reprodutores do discurso dominante que acaba por atrapalhar o desenvolvimento do amor. Todas as relações sociais desenvolvidas em um determinado modo de produção são orientadas segundo determinados valores e determinadas concepções. Em uma sociedade capitalista e, onde ocorre o antagonismo entre as classes sociais, os valores também são antagonísticos ou heterogêneos:

O ser humano é um ser social e por isso as relações sociais são fontes de valores. (...) em sociedades heterogêneas (de classes) existe heterogeneidade de valores. (...) cada classe social bem como outros grupos sociais, produzem valores diferentes e, em muitos casos, conflitantes. O conflito social é acompanhado pelo conflito de valores (VIANA, 2007, p. 24).

Em sociedades classistas, os valores podem ser definidos como valores autênticos e valores inautênticos, sendo os valores autênticos universais e os valores inautênticos

históricos, transitórios e particularistas (VIANA, 2007, p. 24). Isso quer dizer que os valores inautênticos são valores histórico-particularistas que servem como base de legitimação para a ideologia da classe dominante e de suas vontades para que os mecanismos de exploração da classe proletária (no caso do modo de produção capitalista) continuem funcionando de maneira correta sem que ajam conflitos ou levantes revolucionários contra a sociedade capitalista. Esses valores são históricos porque são construídos em uma determinada época; são transitórios porque mudam de acordo com as necessidades de mudanças do modo de produção capitalista e são particularistas porque representam as vontades apenas da classe dominante e não possuem um caráter universal, verdadeiro e emancipatório com o objetivo de superar as contradições do capital, libertando os indivíduos de suas amarras e de suas contradições. Esse papel de libertação está associado à questão dos valores autênticos que por conta da dominação dos valores inautênticos se encontram acobertados e esquecidos no inconsciente da classe proletária.

Partindo dessa discussão, nossa concepção de valores está associada à discussão apresentada por Viana que diferencia valores axiológicos de valores axionômicos. Os valores axiológicos podem ser definidos como: “(...) aqueles valores que correspondem aos interesses da classe dominante e, portanto, servem para regularizar as relações sociais. Eles “transformam em virtude”, aquilo que é para reprodução de uma determinada sociedade de classes, uma necessidade” (VIANA, 2007, p.34). Os valores axiológicos são os valores da classe dominante e representam as necessidades, anseios e vontades dessa classe que acabam sendo universalizados por conta de ideologias<sup>1</sup> que legitimam os interesses dessa classe dominante. Nesse sentido, na sociedade capitalista, temos a predominância dos valores axiológicos dos quais podemos citar a competição, o individualismo e a possessividade, que acabam por gerar sentimentos e atitudes como o ciúme, o desrespeito e a falta de cuidado com o outro. Se o amor implica cuidado, respeito, responsabilidade e conhecimento, essa prática se torna algo muito difícil – para não dizer impossível – de se reproduzir no seio da sociedade capitalista.

Antes de qualquer coisa, para se praticar o amor é preciso desenvolver a prática da solidariedade. Não uma solidariedade burguesa e individualista, onde o indivíduo acha que fazer ações de filantropia é estar sendo solidário. A solidariedade que leva ao amor deve ser compreendida como aquela onde o indivíduo se reconhece como sendo parte de uma

---

<sup>1</sup> Ideologia como falsa consciência sistematizada, para utilizar a terminologia de Marx.

sociedade em que vigora a exploração, sendo preciso então, após esse reconhecimento, passar a fazer parte do processo de luta pela supressão e superação da sociedade capitalista e de suas relações sociais de exploração.

É com o desenvolvimento da solidariedade e do processo de luta pelo fim do modo de produção capitalista, sua sociedade e suas relações sociais, que o amor começa a florescer. A luta acaba por desenvolver o sentimento de pertencimento a uma classe social, e é nesse sentimento de pertencimento que buscamos aprofundar o nosso conhecimento sobre aqueles que estão ao nosso lado batalhando por uma sociedade radicalmente diferente da que vivemos atualmente. A partir da solidariedade e do sentimento de pertencimento, o respeito, o cuidado, a responsabilidade e o conhecimento tornam-se práticas constantes em nosso cotidiano. Respeitamos quem está ao nosso lado, sabendo de suas características pessoais; cuidamos de quem está perto de nós para que a pessoa aprenda e ao mesmo tempo nos ensine algo; respeitamos e passamos a conhecer um pouco mais daqueles que nos rodeiam, para que juntos possamos pensar em táticas de luta e enfrentamento que nos ajudem a conquistar a libertação das amarras do capitalismo.

Nesse processo de luta conjunta, onde nos identificamos com indivíduos que possuem ou estão começando a amadurecer seu engajamento revolucionário, é que nós muitas vezes encontramos nosso companheiro ou companheira para um relacionamento. O processo de luta contra o capitalismo nos ensina a superar a inveja, o ciúme e o sentimento de posse de alguém, no sentido de ver esse alguém como um objeto ou uma mercadoria. A partir do momento em que começo a perceber que o outro não é minha posse, mas é algo que me completa e me auxilia no meu processo de amadurecimento e de luta contra o capitalismo, posso dizer que estou começando a aprender o que é o amor.

Sendo assim, a conclusão a que podemos chegar é que o amor fraterno só é possível em uma sociedade onde não existam classes sociais, nem dirigentes e dirigidos. É preciso que o modo de produção capitalista seja superado para que nossos valores autênticos possam ser colocados em prática. Para aqueles que lutam por essa prática do amor e das demais relações que advém dela (amizade, solidariedade, felicidade, sinceridade, paz e harmonia) resta uma mistura de tristeza e esperança. Tristeza porque se sabe o quão difícil é sustentar valores autênticos e sinceros em uma sociedade permeada pela lógica do capitalismo e da luta de classes, pois as críticas são muitas e o caminho é tortuoso. Esperança porque não se pode deixar de acreditar na transformação social, porque se sabe que existem pessoas que

também pensam assim e enxergam em um futuro talvez não muito distante, uma sociedade onde o amor e as demais relações sociais afetivas, bem como as relações sociais materiais, poderão se desenvolver de forma plena e com tempo para serem aprimoradas e repensadas.

### **Referências bibliográficas**

FROMM, Erich. *A arte de amar*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1991.

FROMM, Erich. *Ter ou Ser?* Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

SENNET, Richard. *A cultura do novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

VIANA, Nildo. *Os valores na sociedade moderna*. Brasília: Thesaurus, 2007.